

## KATARSIS LISBON WORKSHOP 2008

ANA ESTEVENS<sup>1</sup>

ANDRÉ CARMO<sup>2</sup>

Entre 28 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 2008, decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o 5.º *Workshop* da Acção de Coordenação KATARSIS, organizado por Isabel André e pela equipa do Centro de Estudos Geográficos. Pretendeu-se com este *workshop* promover o debate entre os investigadores do KATARSIS e os *stakeholders* convidados e trazer para discussão três questões: criatividade *bottom-up*; governância multi-escalar<sup>3</sup> e inovação social.

Este projecto, desenvolvido no âmbito do 6.º Programa-Quadro de Financiamento da Comissão Europeia, sob coordenação de Frank Moulaert do *Global Urban Research Unit* (GURU) da Universidade de Newcastle, funciona como uma plataforma que reúne equipas de 18 centros de investigação, cujo principal interesse se prende com o estudo da promoção e mobilização, individual ou colectiva, de estratégias baseadas na criatividade e na inovação social, que contribuam para a resolução de problemas de desigualdade ou exclusão social. É estimulada a colaboração entre as diversas equipas, através da troca de experiências e conhecimentos, com vista a uma melhor integração dos seus projectos e metodologias de investigação<sup>4</sup>. Para a geografia, este projecto é particularmente relevante pois a dimensão espacial, nomeadamente a escala local, é considerada fundamental, não só para a contextualização das estratégias inovadoras, como para a valorização da diversidade, e para gerar a interacção a geração entre os actores e criar espaços alternativos que permitam a superação da alienação a que estão sujeitos os indivíduos ou as comunidades.

O *workshop* decorreu durante cinco dias, quatro dos quais dedicados à apresentação de comunicações e sua discussão e um preenchido com uma visita de estudo a Montemor-o-Novo. Na sessão de boas-vindas participaram Teresa Barata Salgueiro, na qualidade de Presidente da Comissão Executiva do Departamento de Geografia, e Isabel André, enquanto representante da instituição de acolhimento (CEG-UL), a que se seguiu

---

<sup>1</sup> Doutoranda de Geografia Humana na FLUL. E-mail: anaestevens@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando de Geografia Humana na FLUL. E-mail: andrecarmo83@gmail.com

<sup>3</sup> No contexto desta notícia, é utilizado o termo “governância multi-escalar” – em vez de “governância *multi-level*” como na formulação original do projecto. Isto prende-se com o facto de esta questão ter sido discutida no âmbito do *workshop* e se ter chegado à conclusão de que o conceito de governância multi-escalar seria mais apropriado. O conceito de governância *multi-level* foi considerado um conceito estático (dos níveis local, nacional, regional, etc.), enquanto o conceito de governância multi-escalar traduz uma visão mais dinâmica, negociada e móvel.

<sup>4</sup> Para mais informações ver <http://katarsis.ncl.ac.uk/project.html>

uma breve apresentação do projecto KATARSIS, a cargo de Frank Moulaert. Após esta primeira sessão plenária, decorreram quatro sessões paralelas que incidiram sobre os seguintes domínios:

- *WP 1.1. Mercado de trabalho, emprego e economia social* (coordenação de Isabel André, Universidade de Lisboa): foram apresentados quatro casos práticos (Associazione Olinda – Milão; Associação João Cidade – Montemor-o-Novo; Association des Foyers Internationaux – Paris; Lawaetz Foundation – Hamburgo) e discutidas questões como as relações entre a escala local das iniciativas da economia social e o carácter global das visões que as inspiram, bem como a emergência de novas redes de cooperação e de solidariedade e a necessidade de dar visibilidade a novos contextos.
- *WP 1.2. Educação e Ensino* (coordenação de Bas Tierolf, Instituto Verwey-Jonker, Utrecht): a discussão centrou-se em três pontos – i) práticas *bottom-up vs top-down*; ii) enquadramento político-institucional e estratégias socialmente criativas; iii) combate às desigualdades através de estratégias socialmente criativas.
- *WP 1.3. Habitação e infra-estruturas de vizinhança* (coordenação de Stuart Cameron, Universidade de Newcastle upon Tyne): a discussão decorreu em torno do artigo “*Changing Patterns of Social and Ethnic Residential Segregation in Budapest*”. Destaca-se a conceptualização apresentada por Stuart Cameron, que distingue entre exclusão do acesso à habitação e exclusão *através* da habitação, defendendo a importância dos lugares (*place matters*) enquanto fontes de práticas organizacionais e, também, o reconhecimento destes enquanto espaços que podem contribuir para a exclusão social.
- *WP 1.4. Saúde e Ambiente* (coordenação de Judy Orme, Universidade de Western England, Bristol): foram apresentados diversos projectos caracterizados pela adopção de estratégias socialmente criativas (“*Social Innovation in Mental Health: Public Places as Instruments for Recognition*”, “*The Green House of Køge*”; “*A new life, a new project: early pregnancy in social disadvantaged situations*” e “*Farming Practices and Chemically Safer Food/ Cancer Disease Prevention*”) e discutidas as relações entre bem-estar, comunidade e estratégias socialmente criativas.

O primeiro dia terminou com uma sessão plenária, em que foram apresentados alguns dos resultados e conclusões resultantes das sessões paralelas. Entre outros aspectos, foi feita referência à necessidade de os actores deterem o poder de decisão, controlando a forma como os processos se desenrolam; à importância assumida por questões como a reflexividade, a contextualização e a adopção de uma perspectiva de longo prazo para o sucesso das práticas inovadoras; à relevância dos novos tipos de relações e o modo como estas se articulam a diferentes escalas; ao papel das estruturas de poder no domínio da habitação, ou seja, do papel desempenhado pelo Estado e pela Comunidade.

No segundo dia do *workshop*, a discussão centrou-se na necessidade de reconceptualizar algumas noções fundamentais, tais como as de cultura, arte e ‘*bottom-up strategies*’, devido ao crescente economicismo, intrínseco ao contexto neoliberal contemporâneo e à necessidade de se desenvolverem um conjunto de conceitos e de teorias que articulem reflexão teórica e actividade prática. A par desta questão, foram também discutidas a necessidade de reflectir sobre a existência, ou não, de relações entre a cultura e a economia; o pensamento sobre as relações de poder, ou seja, determinar ‘*what*

*is bottom...and what is up*’; a ideia de que apenas uma definição lata de arte pode ter um carácter emancipador<sup>5</sup>.

No terceiro dia, decorreu a visita a Montemor-o-Novo (fig. 1). Esta pequena cidade alentejana é um exemplo muito interessante de boas práticas em termos de estratégias e dinâmicas sociais, culturais e artísticas. A visita começou com uma breve passagem pela biblioteca municipal, onde o presidente da Associação João Cidade e Maria do Resgate Almadanim fizeram a apresentação desta associação. A Casa João Cidade é uma Instituição Particular de Solidariedade Social que inclui entre os seus objectivos o desenvolvimento de uma comunidade sócio-terapêutica, destinada a jovens e adultos com deficiência mental, trabalhando através das artes. Após uma breve apresentação do projecto, seguiu-se uma visita às *oficinas* ou *ateliers* da Casa João Cidade. A parte da tarde foi preenchida com uma visita a “O Espaço do Tempo” – uma estrutura transdisciplinar, situada no Convento da Saudação e dirigida por Rui Horta (coreógrafo e bailarino), que serve de apoio a inúmeros criadores nacionais e internacionais. Os promotores deste projecto consideram que “a cultura pode ser um factor importante de desenvolvimento local, abrindo novas perspectivas aos habitantes, ajudando a qualificar o seu desempenho profissional, possibilitando inúmeras formas de abertura ao mundo e gerando emprego e investimento local”<sup>6</sup>. “O Espaço do Tempo” colabora com as escolas, associações e instituições do concelho através da realização de *workshops*, acções de formação com professores e alunos na área das marionetas, trabalho coreográfico com os alunos da EB 2.3, e uma acção de formação ao longo do ano dedicada especificamente a professores, agentes culturais e criadores. Paralelamente, acolhem criadores internacionais, algo que consideram fundamental no cruzamento com os criadores portugueses, desenvolvendo também trabalho em redes internacionais e portuguesas. Para “O Espaço do Tempo”, Montemor-o-Novo funciona



Fig. 1 – Visita a Montemor-o-Novo, Janeiro 2008  
Fig. 1 – Visit to Montemor-o-Novo, January 2008

<sup>5</sup> Para mais informações ver <http://katarsis2wp.wordpress.com/>

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.oespacodotempo.pt>

para os artistas como “um ‘porto de abrigo’, um antigo espaço de clausura religiosa (dominicana) e agora um espaço de ‘clausura’ criativa.”<sup>7</sup>

No quarto dia, a discussão girou em torno de questões relacionadas com a governância, tendo por base novas tendências e processos de governância (multi-escalar) e a forma como se articulam com a democracia e a sociedade civil. Do debate que se seguiu, resultaram as seguintes conclusões: a) verifica-se uma crescente desresponsabilização do Estado-providência ao nível da provisão de algumas das necessidades mais básicas que passam a ser da responsabilidade do terceiro sector; b) as estratégias actuais vão no sentido de aumentar a auto-exploração, diminuindo os custos da reprodução social; c) as estratégias *bottom-up* tornam-se frágeis devido às incertezas no seu financiamento. Para complementar a discussão teórica da manhã, foram apresentados alguns exemplos de estratégias socialmente criativas: i) *Institut Català del Sòl* (INCASOL), uma organização com base em Barcelona que procura responder aos problemas urbanos causados pelas modificações sociodemográficas decorrentes das migrações ocorridas nos anos 90 e primeira década do século XXI; ii) *Mehr Demokratie*, uma organização que procura fomentar o desenvolvimento de formas alternativas de voto, ou seja, fomentar a reestruturação do sistema democrático através de formas de participação assentes na democracia directa; iii) *Lokale Agenda 21 Wien*, que medeia a cooperação entre políticos, administração pública e grupos de cidadãos auto-organizados, com vista à definição e prossecução de projectos que visem o desenvolvimento sustentável; iv) *Association des Foyers Internationaux* (AFIP), uma organização não governamental cujos membros se opõem à discriminação das minorias étnicas, procurando promover a sua inserção no mercado de trabalho; e v) *L’Ateneu 9*, uma organização de Barcelona que concebe a arte como instrumento de transformação, alicerçando-se nos valores da criatividade e da inovação.

Finalmente, o último dia do *workshop* foi dedicado ao debate da inovação social e, em particular, à reconceptualização de alguns conceitos fundamentais (política, economia e sociedade), no âmbito dos resultados da primeira fase do KATARSIS. Isto é também importante para a compreensão epistemológica das diferentes abordagens usadas para compreender a inovação social e para o reconhecimento da existência de múltiplos percursos para a atingir. Em seguida foram apresentadas visões da inovação social relativas a cinco áreas do conhecimento: i) geografia; ii) economia política; iii) cultura e arte; iv) educação; v) sustentabilidade ambiental. Foram aqui discutidas questões como a importância da escala local para uma melhor governância, a necessidade de uma economia social baseada nas relações existentes dentro das comunidades, a circulação de informação pela cidade através de diferentes formas, a necessidade de ultrapassar a rigidez e a conformidade que caracterizam os sistemas educativos tradicionais e a importância dada às questões da sustentabilidade ambiental.

Após cinco dias de *workshop* do projecto KATARSIS, é possível salientar as seguintes ideias: i) a importância de valorizar a relação entre a teoria e a prática; nesse sentido, assinala-se o esforço meritório por parte dos participantes em fazer convergir os discursos académico e do “terreno”; ii) a necessidade de envolver todos os intervenientes, mantendo sempre uma postura crítica face ao papel dos lugares (ou seja, evitando o erro da sua romantização, como muitas vezes acontece quando se trata de pequenas comunidades); iii) a importância de reconhecer que, apesar das inúmeras potencialidades associadas a projectos desta natureza, existem diversos constrangimentos, tais como contextos políticos desfavoráveis, conjunturas económicas recessivas e realidades sociais em convulsão, que tornam mais difícil o seu sucesso; iv) a importância de explorar e reconceptualizar alguns conceitos fundamentais para a compreensão das diferentes abordagens usadas na inovação social.

---

<sup>7</sup> Fonte: <http://www.oespacodotempo.pt>